

## Primeiro Capítulo

Nos anos que antecederam e sucederam à nossa última guerra com a Alemanha, um pastor luterano chamado Johannes Sidenius viveu numa daquelas vilórias que, perdidas no leste da Jutlândia, se escondem entre colinas verdes, ao fundo de um fiorde coberto de vegetação. Sidenius era um homem devoto e severo. Distinguia-se claramente — tanto pela sua aparência, quanto pelo seu modo de vida — dos outros habitantes da povoação, que, por este motivo, o haviam visto por muitos anos como um forasteiro pernicioso, cujos hábitos estranhos os deixavam ora indignados, ora indiferentes. Quando Johannes Sidenius, alto e sério, calcorreava as ruas tortuosas da vila com o seu casacão cinzento de tecido grosseiro, óculos grandes com lentes azul-escuras e, no punho cerrado, um grande guarda-chuva de algodão com que batia energicamente, a cada passo dado, nas pedras da calçada, os habitantes locais não podiam deixar de o fitar. E aqueles que, em casa, se sentavam à janela para ver quem passava na rua sorriam ou franziam o sobrolho sempre que o avistavam. Os grandes comerciantes da vila, os velhos criadores e vendedores de cavalos, nunca o cumprimentavam, nem mesmo quando ele usava os seus paramentos sacerdotais. Embora estes senhores saíssem à rua com tamancos de madeira e casacos sujos e sem tirarem o cachimbo da boca, parecia-lhes uma vergonha e um opróbrio para a vila ter-lhes calhado em sorte um pastor tão pobre, que se vestia como um sacristão de aldeia e para quem era, sem dúvida, difícil sustentar-se e à sua prole numerosa. Estavam habituados a um género muito diferente de representantes do clero: a homens que usavam sotainas pretas e elegantes com colarinhos brancos, homens cujo mero nome fazia resplandecer a vila e a igreja, e que mais tarde se

havia tornado deões e bispos, sem que, no entanto, alguma vez se tivessem julgado mais santos do que os restantes mortais, nem demasiado importantes para dar mostras de algum interesse pelos problemas mundanos dos paroquianos e participar ativamente na vida social da povoação.

O presbitério — um grande edifício vermelho — fora outrora um centro de hospitalidade, e assim que se dava por resolvido o assunto que lá se fora tratar com o pastor, era-se convidado a entrar na sala de estar, para aí conviver com a dona da casa e as suas filhas, e tomar uma chávena de café ou (quando se tratava de um convidado mais ilustre) um copinho de vinho e um bolo caseiro enquanto se falava um pouco sobre a vida e as novidades da vila. Agora, já não se entrava no presbitério sem motivos de força maior, e nunca se passava do escritório lúgubre do pastor Sidenius, onde as cortinas estavam sempre fechadas, porque os olhos do pastor não suportavam a luz do Sol refletida nos muros no outro lado da rua estreita.

Para cúmulo, recebia, em regra, os visitantes de pé, sem sequer os convidar a sentar-se, e despachava-os o mais depressa possível, sem mostrar qualquer interesse pelo que lhe diziam, e dava ainda menos atenção a quem se sentia no direito de esperar um tratamento especial. Até os familiares dos representantes dos cargos públicos tinham deixado de visitar o presbitério depois de constatarem que o pastor Sidenius, ao invés de lhes oferecer um refresco, se dedicava a interrogá-los sobre a sua fé e, em geral, a falar-lhes como a adolescentes que preparasse para o crisma.

O pastor causava especial indignação nos funerais das pessoas importantes da vila, aos quais a população acorria — ao som de uma fanfarra e com estandartes de luto enfeitados com flores — em cortejo vistoso, e os representantes das autoridades compareciam com uniformes debruados a ouro e chapéus emplumados: todos eles dispostos a entregar-se à devoção e ao recolhimento após uma pequena merenda e um copito de vinho do Porto na casa do defunto. Em vez de dar um longo sermão com o habitual elogio fúnebre do falecido, o pastor Sidenius proferia apenas, com uma postura inabalável, uma oração mais adequada a crianças não batizadas ou a indigentes. Nem uma só palavra sobre a firmeza de carácter e a capacidade de entrega do defunto, nem uma só menção ao seu trabalho em prol do bem-estar da vila, ao seu interesse pelo estado das calçadas ou pelo abastecimento de água no concelho.

Quase nem referia o nome do finado junto à sepultura, referindo-se-lhe sempre como este «punhado de pó miserável» ou «este pasto para vermes», e quanto mais ilustres e numerosas as pessoas ali reunidas, quanto mais insígnias e estandartes desfraldados ao vento em redor da campa, mais breves eram as orações e mais miseráveis, segundo as palavras do pastor, os restos mortais perante os quais ali se encontravam, e os enlutados sentiam uma indignação que, por mais de uma vez, manifestaram explicitamente ainda dentro do cemitério.

Em toda a vila, poucas pessoas frequentavam o presbitério: duas velhinhas curvadas e encarquilhadas do convento local, que acolhia idosas solteiras, e um alfaiate itinerante magro e com uma barba comprida que mais parecia um Cristo, assim como um ou outro seguidor dos novos movimentos de evangelização, crentes com poucos meios que encontraram em casa do pastor Sidenius um refúgio há muito procurado naquela vila tão pouco propensa à contemplação espiritual. Contudo, a família não mantinha, por norma, relações sociais com ninguém, o que se devia em grande medida à saúde débil da Sra. Sidenius, que se encontrava acamada há alguns anos. Além disso, o pastor Sidenius não era propriamente muito sociável, e os seguidores mais fiéis requeriam os seus conselhos apenas em questões religiosas. Por outro lado, estes seguidores encontravam-se aos domingos na igreja: sentavam-se todos juntos no seu sítio de eleição, diante do púlpito, e indignavam os restantes paroquianos com a sua forma espaventosa de entoar os cânticos mais longos sem olhar uma só vez para os seus hinários.

O pastor Sidenius pertencia a uma linhagem de sacerdotes antiquíssima e amplamente distribuída que remontava à época da Reforma Protestante. Durante mais de três séculos, a vocação religiosa fora transmitida de pai para filhos — e inclusive para filhas, já que, em muitos casos, estas tinham casado com os capelães dos seus pais ou com os companheiros de estudos dos seus irmãos. Era daí que provinha aquela autoridade consciente com que os Sidenius pregavam a palavra de Deus, e pela qual eram afamados há gerações. Poucas seriam as paróquias do país onde, no decurso dos séculos, um dos representantes desta linhagem não tivesse recordado aos pobres mortais a necessidade de obedecer às leis da Igreja.

Claro que nem todos estes servidores da Igreja tinham desempenhado as suas funções com o mesmo brio. Alguns senhores, pelo contrário, tinham-se mostrado mais propensos aos prazeres mundanos; homens

em quem uma forte vitalidade, reprimida durante gerações, se manifestara de repente de uma forma um tanto quanto descontrolada. Ora, no século passado existira em Vendsyssel um pároco conhecido por «Sidenius, o Louco», que, pelo que constava, vivera como caçador errante nas florestas da Jutlândia, onde frequentava tabernas e bebia aguardente com os camponeses, e chegara a ponto de, completamente embriagado num domingo de Páscoa, dar tamanha sova ao sacristão que salpicara com sangue a toalha do altar.

Não obstante tudo isto, a grande maioria dos membros da linhagem defendera com fervor as leis da Igreja, e muitos deles tinham sido homens cultos e inclusive eruditos, pensadores imersos em reflexões teológicas que, afastados do mundo no seu isolamento rural, de onde viam passar os anos numa monotonia cinza, tinham procurado uma recompensa pelas suas renúncias terrenas na serenidade da contemplação e na profunda investigação do seu próprio mundo interior, no qual acabavam por descobrir os genuínos valores da existência, a felicidade mais plena e o verdadeiro sentido da vida.

Esse desprezo — transmitido de geração em geração — por todas as coisas terrenas servira também de escudo e baluarte a Johannes Sidenius nas lutas da sua vida, ajudando-o a manter a postura e o seu ânimo inatacável, apesar do fardo da pobreza e dos muitos revezes que sofrera. No entanto, ele contara também com um grande apoio da mulher, com quem vivia feliz, em plena harmonia, conquanto fossem muito diferentes entre si. Apesar de profundamente religiosa, ela tinha, ao contrário do marido, um temperamento apaixonado e melancólico, e a vida desassossegava-a e acoitava-a com temores obscuros. Originária de uma família pouco comprometida com a religião, convertera-se, por influência do marido, numa crente fervorosa e quase fanática que, por efeito da luta diária pela subsistência e por conta de ter tido muitos partos, desenvolvera uma obsessão doentia pelos padecimentos desta vida e pelas responsabilidades dos cristãos neste mundo. Estava acamada no seu quarto escuro há muitos anos — desde o último parto — e, ademais, durante a recente guerra com a Alemanha, que tivera resultados catastróficos para a Dinamarca, suportara o aboletamento de soldados inimigos, bem como os respetivos tributos de guerra, pagos com confiscação de propriedade e em dinheiro, assim como outras humilhações, e tudo isto dificilmente contribuía para lhe dar uma perspectiva mais otimista da vida.

Embora o marido a repreendesse amiúde com severidade, ela nunca serenava por completo. Apesar de reconhecer que assim pecava por não confiar na providência divina, a Sra. Sidenius não perdia uma oportunidade de relembrar aos filhos que deviam a Deus e ao seu semelhante a maior das moderações em todas as coisas. Era capaz de se indignar, como se testemunhasse um crime, sempre que ouvia falar de como os habitantes locais viviam, e das suas festas, onde serviam diversos pratos e três ou quatro gêneros de vinho, e dos vestidos de seda das senhoras e das joias de ouro das jovens. E custava-lhe até perdoar o próprio marido quando este, por vezes, regressava a casa e lhe dava um presente modesto, que pousava, num gesto um tanto quanto galante, no edredão da cama: um raminho de rosas, boas peças de fruta ou um frasquinho de compota de gengibre para lhe aliviar a tosse noturna. E ela, claro, ficava contente e enternecia-se com os cuidados do marido, mas, enquanto lhe beijava as mãos, não deixava de lhe dizer:

— Não devias incomodar-te com estas coisas, meu querido.

Os filhos do casal eram bonitos, porém um pouco pálidos e adoentados. Eram onze no total: cinco meninos e seis meninas com olhos claros, todos eles facilmente distinguíveis dos restantes jovens da vila por, entre outras coisas, usarem uns colarinhos invulgares, que conferiam aos meninos um certo ar efeminado, e às raparigas já adolescentes um aspeto um pouco masculino. Os rapazes usavam, além disso, o cabelo castanho comprido, e os seus caracóis em cachos quase lhes chegavam aos ombros, ao passo que as raparigas usavam o cabelo liso e esticado para trás, e com uma trança pequena e apertada em cada têtpora, formando, por conseguinte, duas roscas por cima das orelhas.

A relação entre pais e filhos e a ambiência geral na casa eram intencionalmente patriarcais. Durante as refeições frugais, para não dizer pobres, que se iniciavam sempre com uma oração, o pai e chefe de família sentava-se à cabeceira da mesa comprida e estreita com os cinco filhos ordenados por idade num dos lados, e cinco das suas filhas na mesma ordem no outro lado da mesa. Na ausência da mãe, Signe, a filha mais velha, que se ocupava das lides domésticas, sentava-se no outro extremo da mesa. Nenhum dos filhos pensaria sequer em falar sem a isso ser convidado. O pai, por seu turno, falava-lhes sem cessar, fazendo-lhes perguntas sobre o que aprendiam na escola, os amigos, as tarefas, e acabava por norma a falar sobre ele próprio. Falava-lhes em tom didático sobre a sua infância, explicava-lhes como era a escola de

então e contava-lhes pormenores sobre a vida passada em casas de adobe e madeira em que viviam os pastores da época, como o seu pai e o seu avô. Por vezes, quando estava de bom humor, contava-lhes inclusive piadas dos seus tempos de estudante em Copenhaga, na sua estada no famoso seminário, e das encrencas que os jovens estudantes arranjavam com os guardas-noturnos e a polícia. No entanto, embora fizesse os filhos rir, nunca terminava as suas histórias sem lhes atribuir uma conclusão moral, feita num tom de admoestação, chamando-lhes assim a atenção para as coisas sérias da vida e para a necessidade de cumprirem os seus deveres para com a sociedade.

Esta prole abundante e os seus respetivos êxitos — primeiro na escola e depois na vida — tinham-se tornado o orgulho do pastor Sidenius, ao mesmo tempo que eram uma prova, recebida com humildade e gratidão, de que a sua casa fora abençoada por Deus. E a verdade é que os seus filhos eram jovens inteligentes, aplicados e, como se não bastasse, cumpridores zelosos dos seus deveres, ou seja, genuínos Sidenius, que, um após outro, se transformavam na imagem viva do pai, com o qual se pareciam em minúcia em termos de aparência, chegando mesmo a partilhar com ele a postura e o ritmo regular, quase militar, das suas passadas. Só um dos filhos preocupava os pais. Tratava-se de um dos filhos do meio, um rapaz que se chamava Peter Andreas. Era não só pouco aplicado na escola, de onde recebiam regularmente queixas, como desde cedo dera mostras de uma rebeldia premeditada contra os costumes e as normas da casa. Ainda não tinha dez anos quando começou a recusar obedecer às ordens dos pais, e à medida que foi crescendo, mais soberbo e obstinado se mostrava, e nem a disciplina nem as reprimendas nem a ameaça de um castigo divino o conseguiram vergar.

Sem saber ao certo o que fazer, o pastor Sidenius sentava-se amiúde junto à cama da mulher e falava-lhe sobre esse filho, que a ambos recordava o pastor degenerado de Vendsyssel, cujo nome estava como que gravado a sangue na árvore genealógica da família. Influenciados pelo comportamento dos pais, os irmãos começaram a vê-lo também, por instinto, como um estranho e a afastá-lo, por medo, das suas brincadeiras.

O certo é que o rapaz viera ao mundo num momento pouco oportuno, quando o pai acabara de ser transferido de uma diocese periférica e escassamente povoada para a vila onde viviam agora, o que deixara o pastor Sidenius muito atarefado. Peter Andreas fora, por mero acaso,

o primeiro dos seus filhos cuja educação mais precoce o pastor se vira obrigado a relegar à esposa. No entanto, quando Peter Andreas era pequeno, a Sra. Sidenius estava mais ocupada com os filhos que eram ainda mais pequenos do que ele e quando, por fim, derrotada pela doença, tentara reunir os filhos mais novos em redor do seu leito, Peter Andreas era já demasiado grande para que, da cama, conseguisse vigiar os seus passos.

Assim, Peter Andreas tornara-se, quase desde o momento em que nasceu, um estranho no seu próprio lar. E passara os primeiros anos de vida sobretudo no quarto das criadas e num anexo da casa, na companhia de um antigo lenhador, cujas observações prosaicas sobre todo e qualquer acontecimento da vida haviam exercido, desde muito cedo, uma grande influência na perceção da realidade do rapaz. Mais tarde, Peter Andreas encontrara quase que um segundo lar num dos grandes armazéns comerciais e agrícolas da vizinhança, uma propriedade que continha terreiros onde, entre moços de armazém e jornaleiros, foi adquirindo, aos poucos, uma visão profana dos bens deste mundo. A vida ao ar livre fortalecera-lhe o corpo e, ao mesmo tempo, ruborizara-lhe as faces. Depressa se fortaleceu; os rapazes das ruas e das quintas vizinhas temiam-no, e por fim acabou por se tornar o cabecilha de um bando de rapazolas que fazia malandrices por toda a vila. Ou seja, crescera como um pequeno selvagem sem que ninguém em sua casa se apercebesse de tal. Só mais tarde, e em especial quando começou a estudar na escola da vila, aos nove anos, se aperceberam das inclinações perigosas do rapaz. Os pais e os professores depressa tentaram emendar-lhe o caminho.

Mas era já demasiado tarde.

\*

Um dia, no final do outono, apareceu no escritório do pastor Sidenius um dos pequenos burgueses da vila, que pretendia agendar um batizado para o domingo seguinte. Tratou dos trâmites da cerimónia o mais depressa possível e tinha já a mão no puxador da porta para se ir embora quando, após uma curta hesitação, se voltou para o pastor e o interpelou com grande descaramento:

— Já agora, aproveito para lhe pedir que faça o favor de dizer ao seu filho que não se meta na minha horta. Ele e outros rapazes não me deixam as maçãs em paz... e eu começo a ficar farto.